

A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS DE PROFESSORAS DE AURORA-CE

Adriana Moreira de Souza Corrêa¹
Francisco Jossean dos Santos Gonçalves²

RESUMO

As crianças, de todas as idades, tempos e localidades devem brincar, porque a brincadeira é a linguagem que ela usa para construir a sua identidade, interagir e entender o mundo. Assim, esse artigo objetiva compreender a inserção das brincadeiras na mediação pedagógica em turmas da educação infantil mediada pelos docentes de uma escola da rede municipal de ensino localizada na cidade de Aurora/CE. Metodologicamente, é um estudo de caso, exploratório, de abordagem qualitativa, com dados de um questionário com cinco questões, aplicado com três professores das turmas de pré I e pré II. Os resultados indicam que: os professores reconhecem a importância da brincadeira, recebem suporte no que se refere à formação pedagógica e recursos para a promoção do brincar e utilizam diferentes brincadeiras na educação infantil. No entanto, apesar das mediações que ocorrem durante o brincar serem desafiadoras, essa atividade constrói memórias positivas sobre o exercício da docência.

Palavras-chave: Educação. Brincadeiras. Professor.

PLAY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: TEACHING PRACTICES IN AURORA-CE

ABSTRACT

Play is fundamental for children across all ages and cultures, serving as the primary language through which they construct identity, navigate social relationships, and understand the world. Therefore, this article aims to analyze the integration of play in pedagogical mediation employed by teachers in Early Childhood Education classes at a municipal school in Aurora, Ceará. Methodologically, this is an exploratory case study with a qualitative approach, utilizing data collected through a five-question questionnaire administered to three teachers of Pre-K I and Pre-K II classes. The findings indicate that the participating teachers recognize the importance of play, report receiving adequate support in pedagogical training and resources, and incorporate various games into their classroom practices. Furthermore, despite the challenges inherent in mediating play, this activity reportedly contributes to the construction of positive professional memories regarding the teaching profession.

Keywords: Education. Play. Teacher.

Recebido em 03 de novembro de 2025. Aprovado em 19 de novembro de 2025

¹ Universidade Federal de Campina Grande. adriana.moreira@professor.ufcg.edu.br

² Universidade Federal de Campina Grande. josseansantossantos402@gmail.com

INTRODUÇÃO

As brincadeiras são atividades desenvolvidas por crianças de diferentes idades e assumem características diferentes em cada sociedade. Elas podem modificar de nomes em função do lugar onde são realizadas ou mesmo sofrer ajustes devido as necessidades e interesses de determinado grupo social em dado tempo histórico. De acordo com Kishimoto (1998), as brincadeiras são populares, lúdicas, despertam o interesse das crianças e evocam diversas habilidades cognitivas e motoras. Por isso, elas podem ser utilizadas nas vivências de aprendizagem, sobretudo nas práticas da educação infantil.

Brincar é uma atividade intrínseca e fundamental para a criança, assegurada em documentos como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990), o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) (Brasil, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Conforme o RCNEI, a brincadeira precisa fazer parte das rotinas das crianças e, neste processo, o papel do professor é organizar o espaço da sala de vivências com objetos e brinquedos que estimulem o lúdico, a socialização, a fim de mediar a internalização de papéis, valores, entre outros aspectos envolvidos na ação de brincar.

Diante da necessidade de inserção da brincadeira nas experiências escolares das crianças, surgiu o questionamento: Quais as limitações e possibilidades encontradas pelas professoras da educação infantil para o uso das brincadeiras nas vivências das crianças? Para refletir sobre a questão, foi elaborado como objetivo geral: compreender a inserção das brincadeiras na mediação pedagógica em turmas da educação infantil pelos docentes de uma escola da rede municipal de ensino localizada na cidade de Aurora/CE.

Metodologicamente, esse trabalho segue a classificação de Prodanov e Freitas (2013) e, portanto, é uma pesquisa: exploratória quanto ao objetivo, um estudo de caso no que se refere aos procedimentos técnicos e de abordagem qualitativa. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a brincadeira e o seu uso na educação infantil e, na sequência, aplicado um questionário composto por cinco questões, com três respondentes, sendo eles professores das turmas de pré I e pré II, de uma escola municipal da cidade de Aurora/CE. Esses dados foram analisados qualitativamente, utilizando-se da Análise de Conteúdo segundo as orientações de Franco (2005).

Esse artigo é organizado em quatro seções posteriores à introdução: a primeira aborda os conceitos e tipos de brincadeira e os saberes desenvolvidos por meio delas; a segunda compreende a metodologia, a terceira traz as respostas dos participantes em diálogo com os autores selecionados para este estudo e a quarta as conclusões oriundas do percurso de pesquisa e da análise dos resultados.

A Brincadeira na Educação Infantil

Para abordar a brincadeira, é preciso compreender o que significa o lúdico. Com base em Miranda (2001), o lúdico tem sua origem vinculada à palavra latina “ludus” que significa “jogo”. No entanto, Gaspar (2011, p. 12) amplia esse entendimento ao afirmar que: “o lúdico é aquilo que dá prazer e que traz alegria”. Deste modo, a ludicidade envolve o uso de jogos, das brincadeiras, do movimento espontâneo entre outros (Cruz; Pontes; Aires, 2023) e, por envolver aspectos motores, cognitivos, motivadores, entre outros deve ser incorporada pelo educador no processo de formação das crianças nas vivências da educação infantil.

Kishimoto (1998) destaca que as atividades lúdicas contribuem para o desenvolvimento de habilidades motoras e intelectuais, além de auxiliar a internalização de conteúdos de forma prazerosa e envolvente. No mesmo sentido, Barcelos e Mendes (2018, p. 4) explicam que:

O lúdico é uma ponte mediadora eficaz para a construção do processo ensino-aprendizagem qualificado, amplo e significativo. Diante dessa importância, o professor precisa desenvolver uma prática pedagógica que atenda às necessidades reais da criança. Nenhuma criança brinca por brincar, então se faz necessário desenvolver atividades que contribuam e estimulem o pensamento, o conhecimento, a criatividade e as habilidades dessa criança.

Diante disso, a afirmação de Barcelos e Mendes (2018) é corroborada por Cruz, Pontes e Aires (2023) ao compartilharem que as contribuições das atividades lúdicas não se restringem à diversão, mas auxiliam na construção de conhecimentos e habilidades diversas nas crianças. Neste processo, o professor, como mediador de aprendizagens, precisa reconhecer sua relevância a fim de utilizá-la com o propósito educativo.

Ao abordar as contribuições do lúdico, Cruz, Pontes e Aires (2023, p. 12) advertem que é preciso:

[...] destacar o lúdico como uma das maneiras mais eficazes de envolver o aluno nas atividades, pois a brincadeira é algo inerente na criança, é sua forma de trabalhar, refletir e descobrir o mundo que a cerca. E nesse contexto o que se pode observar é que a criança reflete, ordena, desorganiza, destrói e reconstrói o seu próprio mundo.

Em face do exposto, é possível identificar que o lúdico é uma forma de expressão e de internalização de habilidades e saberes diversos. Em complementaridade, Barcelos e Mendes (2018) explicam que o lúdico, de maneira prazerosa, estimula a criatividade, o processo de socialização e o aprendizado de forma a tornar a experiência educacional significativa e atrativa. Por isso, é fundamental integrar práticas lúdicas na educação infantil como um meio de enriquecer o processo formativo das crianças.

Negrine (1994, p. 19) defende que a ludicidade contribui com o desenvolvimento global dos estudantes e, por meio dela, dimensões inseparáveis são trabalhadas, como a “inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade”. Deste modo, o trabalho com o lúdico pode contribuir na atuação crítica do discente diante da aprendizagem e que esta ocorra de maneira significativa (Barcelos; Mendes, 2018).

Devido a essas possibilidades que envolvem a ludicidade, ela pode ser contemplada nas atividades escolares em diversos momentos. Sobre isso, Cruz, Pontes e Aires (2023, p. 33-34) dizem que:

Na escola a ludicidade deve acontecer nos momentos de brincadeira livre como o recreio, e nas atividades fora e dentro de sala de aula. Mas, também é possível se constatar o ato de ludicidade em forma de atividades direcionadas desde a chegada dos alunos a entidade escolar, incluindo a hora da alimentação até a chegada dos pais, e toda essa estrutura e planejamento será compreendida como o lúdico e pode ser disponibilizado integralmente favorecendo essa ligação entre o brincar e o aprender sendo mediado e realizado pelos professores com a total participação das crianças.

Os autores demonstram que o lúdico deve perpassar diferentes espaços e momentos da escola e, para isso, é preciso um planejamento coletivo e envolvimento dos educadores que têm contato com os estudantes nos diferentes momentos vivenciados na escola, tais como professores, gestores, profissionais de apoio escolar entre outros. Diante do exposto, é basilar que as práticas pedagógicas contemplem atividades lúdicas, entre elas as brincadeiras, conforme discutido a seguir.

As brincadeiras na educação

Antes de abordar a brincadeira, é preciso diferenciar o brincar, a brincadeira e o brinquedo. O brincar é a ação, o ato de se entregar a uma atividade lúdica por puro prazer e satisfação intrínseca, sem um objetivo final predeterminado além da própria experiência. A brincadeira é a atividade lúdica estruturada ou semiestruturada, que pode envolver regras, papéis e narrativas e o brinquedo é o objeto que serve como suporte ou instrumento para o brincar e a brincadeira (Kishimoto, 1998). O ato de brincar deve ser “natural na vida das crianças” (Silva; Santos, 2009, p. 8, Cruz, Pontes, Aires, 2023), portanto, precisa ser uma prática constante, em especial na educação infantil. Esta percepção está presente nas DCNEI, no Art. 4º, que define a criança como um:

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, **brinca**, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009, p. 1, grifo nosso).

Logo, o documento supracitado, enfatiza o brincar como uma parte essencial das vivências da criança e ainda assegura, no Art. 8º, a brincadeira como um direito que deve ser estabelecido pelas instituições (Brasil, 2009). O brincar também é contemplado no ECA, Lei 8.069/1990, no Art. 16, ao especificá-lo um direito à liberdade as ações de “brincar, praticar esportes e divertir-se” (Brasil, 1990, p. 1).

De acordo com Kishimoto (2010), as brincadeiras são atividades que perpassam diversas épocas e lugares, que variam de acordo com o contexto social e refletem os valores e as tradições de determinado grupo. Para a autora, o brincar “se materializa em uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pelas próprias crianças, dá prazer, não exige como condição um produto; relaxa, desenvolve e aprimora habilidades e introduz a criança no mundo imaginário”. (Kishimoto, 2010, p. 1). Assim, ao brincar as crianças são transportadas para o mundo de “faz-de-conta” onde têm liberdade para expressar os sentimentos e incorporar diferentes papéis. Sobre isso, o RCNEI destaca que:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (Brasil, 1998, p. 21 – 22).

De acordo com os RCNEI, a brincadeira traz contribuições significativas para o desenvolvimento pessoal e a internalização de práticas sociais e, nesse sentido, a dialoga com a BNCC ao indicar que brincar é parte essencial da infância, tendo em vista que possibilita aprendizagens e estimula o desenvolvimento integral das crianças (Brasil, 2018). Ainda para esse documento, o brincar é um dos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil e, desse modo, a criança precisa:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu

acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (Brasil, 2018, p. 37)

Em função disso, as DCNEI, no Art. 9º, entendem que o brincar e a interação são eixos norteadores das práticas pedagógicas na proposta curricular para a educação infantil (Brasil, 2009). Perante o exposto, Machado (1999, p. 94) diz que:

[...] é possível organizar o cotidiano de uma instituição de educação infantil de forma a que se torne um espaço de convivência agradável para criança pequena e adultos, com muita alegria, risos e afetividade. Uma agitação saudável propiciaria a troca de idéias, levando à ampliação das experiências e a novos conhecimentos. Aí veríamos meninas e meninos brincando de casinha, construindo castelos na areia, jogando bola, lendo livros, ouvindo músicas, comendo, descansando, experimentando uma combinação de cores com tintas e conversando com adultos e companheiros.

Através das brincadeiras, é possível desenvolver várias habilidades e, no que se refere àquelas relacionadas à motricidade, Kishimoto (1998) salienta que: a coordenação motora grossa, por exemplo, é estimulada por meio dos contatos físicos, como brincar de pega-pega, pular corda entre outras; já a coordenação motora fina pode ser desenvolvida em brincadeiras que envolvem a manipulação de objetos concretos, como montar blocos e desenhar de maneira livre. Já no que se trata das habilidades cognitivas, Cruz, Pontes e Aires (2023, p. 23) explicam que:

Ao brincar a criança desenvolve a capacidade para determinado tipo de conhecimento, sendo assim, depois de aprendida tal capacidade dificilmente será esquecida ou mesmo perdida. A aprendizagem ocorre a partir da formação de conceitos, e tais conceitos são formados muito mais facilmente no ato do brincar. Ao se considerar que as atividades lúdicas transpõem o fazer mecânico, o fazer por fazer.

Diante do exposto, as brincadeiras podem desenvolver diversas habilidades, contudo, dependendo do tipo de brincadeira, algumas delas estão em evidência. Em função disso, Kishimoto (1998) classifica as brincadeiras em três tipos: brincadeiras de faz-de-conta, brincadeiras de construção e as brincadeiras tradicionais infantis.

As brincadeiras de faz-de-conta ou simbólicas se caracterizam por ressignificar os objetos ou situações e associam-se à função simbólica. Essas brincadeiras estimulam o entendimento e a internalização de situações, representações e sentimentos, contribuindo para o desenvolvimento da racionalidade (Kishimoto, 1998). Em consonância com a autora, Paschoal, Batista e Moreno (2008) ressaltam que, ao brincar com esse tipo de brincadeira, as crianças precisam se reportar às situações e experiências vividas que querem representar e, nesse processo, exercitam sua atenção e memória. Além disso, elas internalizam regras sem a imposição do outro e aprendem a ajustar o seu comportamento para personificar determinado papel. O RCNEI (2018, p. 22) explica que:

A diferenciação de papéis se faz presente sobretudo no faz-de-conta, quando as crianças brincam como se fossem o pai, a mãe, o filhinho, o médico, o paciente, heróis e vilões etc., imitando e recriando personagens observados ou imaginados nas suas vivências. A fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre a relação entre as pessoas, sobre o eu e sobre o outro.

Esse tipo de brincadeira, para Kishimoto (1998) estimula ainda a imaginação, o pensamento, a exploração, a descoberta de diversos cenários, a linguagem oral, a cooperação e o compartilhamento de objetos.

As brincadeiras de construção, como afirma Kishimoto (1998), enriquecem a experiência sensorial, estimulam a criatividade, o pensamento lógico e a resolução de problemas. Como exemplos há os blocos de montar e as peças de lego, com os quais elas irão construir diversas formas, a exemplo de uma casa, um veículo ou qualquer estrutura que a imaginação permitir.

As brincadeiras tradicionais infantis, também para a autora, são aquelas que integram a cultura popular e guardam a produção espiritual de um povo. Elas são consideradas um elemento folclórico, transmitido predominantemente pela tradição oral, que se transforma continuamente e incorpora criações anônimas das gerações passadas, sem fazer menção à autoria. Assim, é fundamental que essas brincadeiras façam parte do cotidiano das crianças, à medida que se refletem em práticas pedagógicas perpassadas por elementos da realidade e do contexto que os educandos estão inseridos e contribuem para a aprendizagem significativa como afirma Freire (1996). Os brinquedos podem contribuir com o brincar à medida que:

Duplicando diversos tipos de realidades presentes, o brinquedo metamorfoseia e fotografa a realidade. Não reproduz apenas objetos, mas uma totalidade social. Hoje os brinquedos reproduzem o mundo técnico e científico e o modo de vida atual, com aparelhos eletrodomésticos, naves espaciais, bonecos e robôs. A imagem representada não é uma cópia idêntica da realidade existente, uma vez que os brinquedos incorporam características como tamanho, formas delicadas e simples, estilizadas, ou, ainda, antropomórficas, relacionadas à idade e gênero do público ao qual é destinado. (Kishimoto, 1998, p. 7).

Nesse sentido, os brinquedos ultrapassam a função de reprodução de objetos e, ao incorporar características como tamanho e *design* estilizado, atuam como reflexos da realidade social e cultural. Desse modo, eles influenciam a percepção das crianças sobre o mundo e funcionam como ferramentas de socialização e aprendizado.

Diante disso, é possível inferir que a relação entre brincadeira e brinquedo é essencial para o desenvolvimento infantil, à medida que os brinquedos atuam como catalisadores que tornam as brincadeiras mais significativas. Os bonecos, por exemplo, permitem narrativas criativas, enquanto os blocos de construção incentivam habilidades motoras e raciocínio lógico. Com isso, os brinquedos enriquecem as experiências lúdicas, ao serem recursos que ajudam as crianças a expressar sua imaginação e aprender.

Segundo Silva e Santos (2009), o brinquedo é um suporte para as brincadeiras que pode ser construído de forma artesanal, industrial ou produzido pela professora junto com os educandos nas atividades (na sala de mediação) ou com as famílias (por meio de atividades extraclasse). Sendo assim, há versatilidade nas formas de produção e são fundamentais para as brincadeiras e as diversas maneiras de produção. Dessa forma, eles se tornam mais do que objetos, são ferramentas poderosas que enriquecem as experiências lúdicas e educativas, visto que permitem às crianças explorarem o mundo ao seu redor de maneira significativa e interativa.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa, como indica a classificação proposta por Prodanov e Freitas (2013), é exploratória quanto ao objetivo do estudo, organizada um em estudo de caso no que se refere aos procedimentos técnicos e de abordagem qualitativa. Para os autores, trata-se de um estudo

exploratório, à medida que visa ampliar as informações que pesquisador tem sobre a temática estudada que é a implementação da brincadeira na educação infantil. Ainda para os autores, esse tipo de investigação possibilita mapear o uso da brincadeira nas práticas de ensino e, desse modo, permite que o pesquisador identifique nuances e aspectos diversos sobre o assunto.

Na perspectiva do procedimento técnico, conforme Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa é pautada no estudo de caso: um método que envolve uma investigação minuciosa do objeto de estudo, a fim de obter uma amplitude das informações. De acordo com os autores, o estudo de caso proporciona uma compreensão rica e contextualizada das experiências analisadas. Deste modo, nesta pesquisa, o referido método explora a inserção das brincadeiras, considerando as limitações, o uso, as finalidades e as memórias dos educadores com as experiências propostas. Os dados, por sua vez, são qualitativos e versam sobre as vivências, sem quantificá-las. (Lüdke; André, 1986).

No primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico (em livros e artigos que abordam a temática) e documental (em normativas que orientam a educação infantil como resoluções e leis) e, a partir dessas informações, elaborado o instrumento de coleta de dados que foi o questionário. No segundo momento, foi realizada a coleta de dados com um questionário composto por cinco questões discursivas descritas no Quadro 1.

Quadro 1 – Questionário

nº	Questão
1	Que tipo de apoio/suporte você recebeu da instituição onde trabalha para implementar brincadeiras em sua prática pedagógica?
2	Quais tipos de brincadeiras você costuma utilizar em suas aulas?
3	Como você observa que as brincadeiras influenciam na aprendizagem e no comportamento das crianças em sua sala de aula?
4	Você enfrenta desafios ao utilizar a brincadeira como mediadora no processo de aprendizagem da criança? Se sim, quais são eles?
5	Você poderia compartilhar alguma experiência em que a brincadeira teve um impacto significativo no aprendizado de uma criança desta turma?

Fonte: Elaborado pelos autores.

O referido questionário impresso e o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) foram entregues aos três professores das turmas de pré I e pré II, ou seja, que trabalham com crianças na faixa etária de 3 a 6 anos em uma escola da rede municipal de ensino do município de Aurora/CE. Os participantes têm formação em Pedagogia e a sua atuação varia entre 6 meses e 29 anos de exercício da docência.

No momento da entrega, que aconteceu no dia 01 de junho de 2025, os participantes foram informados sobre a relevância da pesquisa e a possibilidade de contato com o pesquisador para esclarecimentos de dúvidas que poderiam surgir sobre as questões. A devolutiva dos questionários respondidos foi acordada entre o pesquisador e os participantes para acontecer no dia 18 de junho de 2025 e este prazo foi cumprido por todos.

Os docentes responderam aos questionários de forma escrita e, para análise dos dados, o pesquisador digitou as informações. Para que os participantes não fossem identificados, eles foram nomeados como docente 1, docente 2 e docente 3. É preciso ressaltar que foram seguidos os princípios éticos presentes nas normativas: Resolução nº 466/2012 e Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Além disso, o projeto foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado pelo parecer nº 7.597.988.

A Análise de Conteúdo (Franco, 2005), foi utilizada para apreciação dos dados e após várias leituras foram organizadas as seguintes categorias: 1) contribuições da escola para a

inserção das brincadeiras na prática pedagógica; 2) uso pedagógico das brincadeiras na educação infantil; 3) brincadeiras e a construção de memórias positivas sobre a docência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O suporte da escola e a formação do professor são essenciais para a elaboração do planejamento, a escolha de recursos e a implementação de procedimentos didáticos que favoreçam a aprendizagem das crianças. Desse modo, a categoria 1 buscou identificar as contribuições da escola para a inserção das brincadeiras na prática pedagógica dos docentes da educação infantil, conforme pode ser observado nas afirmações dos participantes.

Docente 1: Apoio por meio de formações internas, reuniões pedagógicas, formações.

Docente 2: A instituição oferece materiais como: brinquedos, fantasias, jogos pedagógicos [...].

Docente 3: Recebemos formações periodicamente para melhor desenvolvimento da práxis educativa.

As respostas convergem no sentido que a instituição onde trabalham contribuem para que a brincadeira figure como uma atividade presente nas atividades de ensino. No entanto, ao passo que os docentes 1 e 3 evidenciam a formação para a docência, o docente 2 destaca os recursos necessários para que a efetivação desta ação.

Kishimoto (2010) adverte que é fundamental oferecer formação continuada para a discussão e a construção de saberes que fomentem o uso do lúdico como mediador das vivências da criança, deste modo, as instituições que os docentes 1 e 3 trabalham desenvolvem ações formativas que vão ao encontro das orientações da autora. No que se refere à disponibilização de recursos para estimular a brincadeira, ressaltado pelo docente 2, Silva e Santos (2009) dizem que os brinquedos enriquecem a experiência de brincar e tornam esse momento ainda mais prazeroso, portanto, é essencial que o momento da brincadeira seja preparado antecipadamente e que diferentes recursos sejam postos à disposição para incentivá-la.

Destarte, o RCNEI (Brasil, 1998) adverte que brincar, de maneira espontânea e livre é direito das crianças, haja vista a contribuição para o seu desenvolvimento. De acordo com o documento, a brincadeira é uma forma de expressão, estimula o pensamento, fomenta a comunicação e promove a interação. Diante disso, deve ser uma atividade assegurada pelas escolas e seus educadores, em momentos diversos e com a disposição de materiais adequados a essa prática.

Após compreender o suporte dado pela instituição para que o professor insira as brincadeiras vivências da criança, o foco dos questionamentos voltou-se para a ação do docente e, para isso, foi analisada a categoria 2 que envolve o uso pedagógico das brincadeiras na educação infantil, como é possível identificar, na sequência, nas respostas dos participantes:

Docente 1: Brincadeiras cantadas e com música, jogos educativos e cooperativos, brincadeiras livres, brincadeiras tradicionais infantis, de faz de conta, motoras, etc.

Docente 2: Na minha sala de aula utilizo vários tipos de brincadeiras tais como jogos educativos, desenhos, pintura, músicas, danças, caixa misteriosa, brincadeiras de mímica, contação de histórias, etc.

Docente 3: Brincadeiras que envolvem o pensar, instigam a observação, agilidade e atenção, são brincadeiras que favorecem o desenvolvimento das crianças.

Nesta questão, é possível identificar que as respostas dos participantes podem ser organizadas em duas perspectivas: os docentes 1 e 3 elencaram as brincadeiras presentes na prática pedagógica, nomeando cada uma delas e o docente 3 trouxe a classificação das brincadeiras em função das habilidades desenvolvidas, sem nomeá-las. É relevante destacar que os docentes 1 e 3 propõem brincadeiras diversificadas, tais como: as tradicionais, as livres, as que envolvem o desenvolvimento motor, aquelas estimulam o pensamento e instigam a observação. O docente 2, além de brincadeiras, citou outras atividades lúdicas como o desenho, a pintura, a música e a dança. Outro ponto a ser observado é que o enfoque do docente 3 recaiu nas brincadeiras que desenvolvem a cognição, ao passo que os docentes 1 e 2 trazem exemplos de brincadeiras que trabalham maior gama de habilidades, como o pensamento, a atenção e a agilidade.

Um ponto comum, é que as brincadeiras são inseridas nas experiências infantis como atividades essenciais ao desenvolvimento da criança e, como orientam Cruz, Pontes e Aires (2013), são integradas, com intencionalidade, às propostas pedagógicas em detrimento de ocuparem o espaço que antecede à saída das crianças da instituição educacional porque são entendidas como mediadoras da construção de conhecimentos e do desenvolvimento infantil.

O RCNEI afirma que as brincadeiras compõem o repertório infantil e apresentam variações que, por sua vez, são influenciadas pela cultura regional (Brasil, 1998) e, neste sentido, é importante observar que somente o docente 1 mencionou, explicitamente, brincadeiras tradicionais. Desse modo, é essencial que o professor mediador do brincar proponha brincadeiras presentes no cotidiano das crianças e que façam parte da cultura regional. Assim, diante dos dados, as brincadeiras livres são as mais utilizadas por esses docentes, ou seja, aquelas que permitem maior liberdade e autonomia para expressar a sua criatividade.

As respostas dos participantes demonstram o amplo conhecimento de diferentes brincadeiras e isso dialoga com a afirmação de Machado (1999) ao dizer que o professor tem que reconhecer a importância do lúdico e das mais variadas brincadeiras, estar comprometido com a ludicidade, gostar da diversão e da arte para inseri-las nas vivências das crianças e contribuir para o desenvolvimento integral.

Após a reflexão sobre as brincadeiras, utilizadas pelos participantes nas vivências da educação infantil, foram identificadas as percepções docentes sobre as contribuições do uso dessa prática nas experiências das crianças e as respostas trouxeram as reflexões descritas a seguir:

Docente 1: Observo diariamente como as brincadeiras exercem uma forte influência tanto na aprendizagem quanto no comportamento das crianças.

Docente 2: As brincadeiras desempenham um papel crucial no desenvolvimento e aprendizado das crianças em sala de aula [...].

Docente 3: As brincadeiras no dia a dia, levam o aluno a querer participar das atividades com mais empenho e senso competitivo, com isso elas vão desenvolver suas habilidades cognitivas.

As afirmações dos participantes convergem no sentido de compreender que as brincadeiras possuem um papel basilar na aprendizagem das crianças. Além disso, o docente 1 destaca também a influência no comportamento e o docente 3 evidencia o empenho nas atividades propostas e, consequentemente, no desenvolvimento cognitivo.

Kishimoto (1998) e Barcelos e Mendes (2018) ressaltam que as atividades lúdicas são essenciais para o desenvolvimento e a aprendizagem infantil em lugar de ser apenas um passatempo. Isso porque, segundo Negrine (1994) a brincadeira desenvolve a cognição, a afetividade, a motricidade e a socialização que são dimensões indissociáveis da criança. Outras habilidades que podem ser desenvolvidas, conforme os RCNEI (Brasil, 1998) e Barcelos e Mendes (2018) elencam algumas capacidades desenvolvidas pelo ato de brincar, tais como: a

atenção, o comportamento, a memória, a imaginação. Em complementaridade, Kishimoto (1998), explica que a resolução de conflitos e a construção da identidade, bem como a internalização de normas que contribuem para as relações interindividuais e socioculturais são mediadas pelo brincar. Assim, com essa prática, as crianças aprimoram habilidades para o reconhecimento de si, da sua relação na sociedade e para a interação com as demais pessoas que interagem com ela.

É preciso frisar que a prática de uso da brincadeira nas experiências pedagógicas das crianças da educação infantil pode encontrar obstáculos e, entre eles, os participantes elencaram:

Docente 1: Sim, equilibrar a mediação e a autonomia, algumas diferenças de interesse e nível de desenvolvimento, alguns comportamentos desafiadores.

Docente 2: Sim, existem vários desafios quando utilizamos as brincadeiras no processo de aprendizagem da criança, algumas crianças apresentam dificuldades em engajar com as demais, preferindo brincarem sozinhas, não todas, mas algumas.

Docente 3: Sempre encontramos desafios no cotidiano de sala de aula, como os conflitos que ocorrem entre as crianças, e se faz necessário trabalhar brincadeiras que estimulem essa interação em grupo.

Como é possível observar nas respostas dos participantes, a inserção de brincadeiras nas atividades propostas para as crianças traz desafios como: 1) aqueles que se relacionam com a mediação pedagógica; 2) os referentes às características individuais dos estudantes. No que abrange à ação do professor, ou seja, a mediação pedagógica, como ressaltado pelo docente 1, há a reflexão constante do docente para identificar qual intervenção deve ser realizada para resolver determinada situação sem que a ação do educador tire a autonomia da criança. A preocupação do docente 1 relaciona-se à orientação da DCNEI, ao destacar como responsabilidade das instituições de educação infantil desenvolver procedimentos que permitam o acompanhamento da prática de ensino e do desenvolvimento dos estudantes considerando diferentes aspectos, tais como o previsto no Art. 10, Inciso I, ao indicar “a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano” (Brasil, 2009, p. 4).

No que se trata da interação entre os estudantes, os interesses pessoais (incluindo com quem brincar ou os momentos de brincar sozinho ou de dividir essa vivência com o colega); e a relação da criança com os colegas e o professor, durante a brincadeira manifestado pelo comportamento desafiador, são aspectos apresentados pelos docentes 2 e 3. Esse entendimento associa-se a algumas das habilidades e conhecimentos estimulados pela brincadeira que são mencionados por Cruz, Pontes e Aires (2023, p. 41) ao elencarem o “aprender e competir, compreender que nem todos vencem, desenvolver habilidades e comportamentos auxiliar outras aprendizagens escolares, aliviar tensões de aulas chatas e sem significado para as crianças.”

Nesse processo, a preocupação com a relação entre a intervenção do docente e autonomia do educando encontra fundamentos nos estudos de Paulo Freire (1996) ao explicar que professor precisa entender-se como um mediador de saberes, tendo em vista que não é o único detentor do conhecimento. Por isso, deve respeitar a autonomia, o interesse das crianças, identificar as particularidades de cada um, a fim de propor atividades que promovam o desenvolvimento considerando vários aspectos do ser humano, a exemplo do emocional, cognitivo, relacional entre outros.

A última categoria voltou-se para identificar a relação do uso da brincadeira na educação infantil e a construção de experiências significativas sobre a docência. A socialização das vivências foram:

Docente 1: *Sim, essa criança apresentava certa dificuldade de se comunicar verbalmente com os colegas e era tímida, durante os momentos das brincadeiras livres, especialmente no “cantinho da casinha” ela começou a se envolver mais, na brincadeira do faz-de-conta, assumia o papel de “mamãe” e começou a usar falas espontâneas para interagir com os colegas, através dessas interações lúdicas ela desenvolveu a linguagem oral, passou a se expressar com mais confiança, e foi possível observar avanços também em atividades formais como contar histórias e descrever situações, além disso, o comportamento dela mudou, ficou mais participativa, sorridente e entrosada com os demais colegas.*

Docente 2: *Na minha turma tinha uma criança com muitas dificuldades em se socializar com as outras crianças, e era nas brincadeiras que ela começava a se aproximar das demais, principalmente em brincadeiras tradicionais como pega-pega e pula corda, quando ela melhorou nessa questão e começou a brincar com as outras seu desempenho em sala melhorou muito, foi uma evolução grande e as brincadeiras tiveram esse papel crucial para isso acontecer.*

Docente 3: *As crianças diariamente estão adquirindo novos saberes. O brincar leva o aluno a refletir possibilidades, encontrar caminhos e usar estratégias, percebo que as crianças avançaram sim no processo de aprendizagem, através do brincar livre, e com alguns objetos como boliche, dados, e também na identificação de letras e sílabas.*

As respostas mostram que propostas pedagógicas com brincadeiras foram significativas na construção de memórias positivas tendo em vista que os relatos comprovam que essas vivências tiveram impacto no desenvolvimento de determinada criança, seja na socialização, como trazem os docentes 1 e 2 ou o aprendizado de conteúdo, como enfatiza o docente 3. Kishimoto (1998), ao analisar as contribuições das brincadeiras no desenvolvimento das crianças afirma que elas contribuem para a interação natural entre os colegas e que esse processo se intensifica o desenvolvimento de diversas habilidades. No mesmo sentido, Cruz, Pontes e Aires (2023, p. 24) explicam que “o educador que aplica as brincadeiras e jogos em suas atividades oportuniza a socialização entre os alunos, a cooperação mútua, e a participação coletiva na solução de situações”.

Diante do exposto, a brincadeira além da diversão, contribui para o aprendizado e a socialização das crianças. Assim, ao participar de jogos e brincadeiras, as crianças exploram suas emoções, desenvolvem habilidades sociais e cognitivas e estabelecem vínculos significativos com seus pares. Além disso, por meio da brincadeira as crianças se familiarizam com normas e valores e constroem uma identidade social, portanto, o professor precisa reconhecer a importância dessa prática à medida que promove experiências que favorecem o desenvolvimento integral das crianças. Desse modo, é preciso assumir uma postura na qual há:

[...] a valorização das brincadeiras, o estímulo às múltiplas expressões da criatividade, da curiosidade e da apropriação de significados, o respeito à diversidade de gênero, racial e cultural, a proteção e o apoio dos adultos - pais e profissionais lado a lado - às iniciativas infantis (Machado, 1999, p. 86).

Dessa maneira, brincar é contemplar e acolher as diferentes formas de ser e se relacionar com o mundo e expressar as suas compreensões de si, do outro e da vida. Assim, a partir da análise dos dados obtidos, foi possível entender que os participantes reconhecem a importância das brincadeiras para as crianças e, por isso, inserem nas vivências da educação infantil.

CONCLUSÃO

Este estudo buscou compreender as práticas de professores da educação infantil de uma escola pública municipal na cidade de Aurora/CE sobre o papel da brincadeira no desenvolvimento das crianças em suas respectivas turmas. Para isso, foi fundamental identificar que a educação infantil brasileira dispõe de documentos legais que asseguram e orientam o brincar, como o ECA, as DCNEI, o RCNEI e a BNCC.

No que se trata da prática docente, entre outros mediadores, o lúdico se apresenta como essencial para o desenvolvimento das crianças porque estimula a curiosidade, a criatividade, a autonomia e a capacidade de resolução de problemas, além de facilitar a assimilação de conhecimentos de forma prazerosa e envolvente, promovendo o desenvolvimento integral nas esferas cognitiva, afetiva, social e motora.

Entre as atividades e recursos que estimulam a vivência da ludicidade há o brincar, brinquedo e brincadeira, sendo o primeiro relacionado à ação, o segundo o suporte do brincar e o terceiro, à atividade lúdica, seja ela estruturada ou semiestruturada, brincadeiras de faz-de-conta, brincadeiras de construção e às brincadeiras tradicionais infantis. Em face dessas diferenciações, compreender esses conceitos é essencial para implementá-los em uma prática contextualizada e significativa para as crianças, permitindo que o educador utilize cada um deles de forma intencional e estratégica para potencializar o processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, os professores que participaram da pesquisa e as instituições nas quais trabalham reconhecem a importância da brincadeira à medida que são oferecidas formações e disponibilizados recursos para a realização de momentos voltados para brincar. No que abrange às brincadeiras propostas às crianças, os participantes elencam várias possibilidades entre aquelas que predomina o desenvolvimento cognitivo e as brincadeiras livres. Contudo, é preciso maior destaque às brincadeiras tradicionais em função da história e memória que são guardiães e que, por isso, contribuem para a constituição da identidade cultural das crianças.

Para inserir brincadeiras na prática pedagógica, há desafios como equilibrar a mediação e autonomia, estimular a socialização e desenvolver habilidades para se relacionar em sociedade de maneira acolhedora e respeitosa. No entanto, mesmo com esses desafios, as brincadeiras contribuem para a superação de dificuldades enfrentadas pelas crianças e essas conquistas constroem memórias positivas e significativas que marcam a trajetória do educador.

Assim, brincar é essencial para a criança e, na escola, essa prática deve acontecer com intencionalidade, com a disponibilização de espaços, recursos e realização de mediações que permitam às crianças se desenvolverem de maneira integral e prazerosa.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Joziane Cristina; MENDES, João Batista. **A importância da ludicidade para o desenvolvimento da criança inserida na Educação Infantil.** 2018. 19 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade Multivix, Cariacica, 2018.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 25 out. 2025.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 5**, de 17 de dezembro de 2008. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em:

https://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf Acesso em: 25 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CRUZ, Jarliene Patrício da.; PONTES, Joelma Campos Rodrigues.; AIRES, Sibele das Dores Ferreira. **O lúdico na educação infantil**. São Paulo: Arche, 2023.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPAR, Alessandra da Silva. **O lúdico na Educação Física Infantil**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em <http://www.uel.br> Acesso em: 08 jan. 2025

KISHIMOTO, Tizuko Morschida. (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morschida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: SEMINÁRIO NACIONAL, 1. 2010, Belo Horizonte. **Anais**[...]. Belo Horizonte: Currículo em Movimento – perspectivas atuais. Novembro de 2010. Disponível em: <https://legado.moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=497687&forceview=1>. Acesso em: 08 out. 2024.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Maria Lucia de A. **Criança pequena, educação infantil e formação de profissionais**. Perspectiva. Florianópolis, v.17, n. Especial, p.85-98, jul/dez.1999.

MIRANDA, Simão. **Do fascínio do jogo à alegria do aprender nas séries iniciais**. São Paulo: Papirus, 2001.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil: Simbolismo e Jogos**. Porto Alegre: Prodil, 1994.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; BATISTA, Cleide Vítor Mussini; MORENO, Gilmara Lupion (orgs.). **As crianças e suas infâncias**: o brincar em diferentes contextos. Londrina: Humanidades, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277 p. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVA, Aline Fernandes Felix; SANTOS, Ellen Costa Machado. **A importância do brincar na Educação Infantil.** Mesquita: RJ, 2009. Disponível em: http://www.ufrrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra_SILVA%20e%20SANTOS.pdf. Acesso em: 23 out. 2024.